

Cultura e oralidade: uma viagem aos textos poéticos cantados da língua parkatêjê

Marília Ferreira-Silva*

Resumo

Este trabalho analisa aspectos da cultura e da oralidade por meio do exame de textos poéticos cantados da língua parkatêjê. Primeiramente, apresento breves notas sobre oralidade com base em trabalhos como o de Weitzel (1995), Ong (1998), Havelock (1995), Cook-Gumperz e Gumperz (1981), dentre outros. Em seguida, apresento a situação sociocultural dos Parkatêjê, povo indígena que vive no sudeste do estado do Pará, analisando alguns aspectos de seus textos poéticos cantados. A metodologia e o aparato teórico empregados foram os da linguística descritivo-funcional.

Palavras-chave: Parkatêjê. Cultura. Oralidade. Cantos tradicionais.

Considerações sobre oralidade e cultura

Tomando as palavras de Weitzel (1995) para definir tradição oral, observa-se que ele afirma que cada geração recebeu de seus antepassados um conjunto de bens e valores que procurou absorver, conservar, dinamizar, enriquecer para, então, transmiti-los à geração subsequente, e assim por diante. Essa transmissão das impressões e experiências da vida, que explica de modo fantástico fatos e fenômenos da natureza, histórias, viagens e episódios da vida cotidiana, de modo geral, contribuiu para a criação de “inegáveis fontes literárias de valor

* Professora Associada do Instituto de Letras e Comunicação vinculada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará. Desenvolve pesquisas na linha de pesquisa Descrição de Línguas Indígenas no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. É tutora do grupo PET de Letras/Língua Portuguesa. E-mail: marilia@ufpa.br

incomensurável”, também imersa em cultura e permeada pela oralidade.

Ong (1998) afirma que nas décadas de 1960 e 1970 um movimento acadêmico que objetivou a análise das relações entre culturas orais e escritas foi iniciado. Os trabalhos realizados nesse período nas diferentes áreas de conhecimento, como a antropologia, a sociologia e a psicologia, focalizaram o caráter oral da linguagem e as profundas implicações, em todos os níveis, da introdução da escrita em culturas tradicionais.

Várias dessas pesquisas observam sociedades ainda orais, buscando compreender e documentar aquilo que se convencionou denominar “oralidade primária”, que seria constituída por “melodias, cantos, epopéias, danças, exibições e músicas, ainda preservados oralmente e transmitidos de geração em geração entre as sociedades tribais [...]” (HAVELOCK, 1995).

Cook-Gumperz e Gumperz (1981) datam as origens das pesquisas sobre os efeitos culturais do letramento nos estudos de folcloristas e pesquisadores de área de literatura que investigam os processos pelos quais os grandes épicos eram transmitidos nas sociedades não letradas, como é o caso dos trabalhos de Lord (1960). A significação da escrita em sociedades não letradas tem sido, pois, uma das principais questões a serem respondidas por esse novo campo de estudos.

Alguns autores buscaram compreender os distintos aspectos da oralidade e da escrita, a fim de definir o que seria

um “contexto marcado pela oralidade?”; “as culturas pouco letradas possuiriam características tão particulares que as fariam distintas das demais?”; “haveria um modo de pensar especialmente ‘oral’?”; “quando falamos de oral, de que ‘oralidade’, afinal, se está falando?” Essas são algumas questões levantadas por Galvão e Batista (2006), pertinentes a trabalhos que tratam sobre oralidade.

Ong (1998) traça uma distinção entre o que denomina de “oralidade primária” e aquilo que chama de “oralidade secundária”. A primeira refere-se à oralidade das culturas que não conhecem o letramento ou qualquer conhecimento da escrita, ou ainda, das pessoas totalmente não familiarizadas com a escrita. Já a “oralidade secundária” referir-se-ia à atual cultura de alta tecnologia, em que essa nova oralidade é sustentada por meios de comunicação, como telefone, rádio, televisão, e por meios eletrônicos, que para existir e funcionar dependem da escrita.

Segundo Ong, na atualidade não existe cultura de oralidade primária no sentido estrito, uma vez que todas as culturas são conhecedoras da escrita e possuem alguma experiência de seus efeitos. Essa afirmação é questionável quando se têm em mente comunidades indígenas ainda sem contato, por exemplo. Talvez por essa razão seja prudente relativizar o conceito usado por esse autor.

Zumthor (1993), por sua vez, assinala a oralidade em três tipos: (i) a oralidade primária e imediata, a qual não estabelece nenhum contato com a escrita, presente nas sociedades desprovidas de

símbolos gráficos; (ii) a oralidade mista, em que há uma coexistência da escrita e oralidade, em que a influência da escrita permanece parcial; (iii) a oralidade segunda, característica de culturas letradas. De acordo com Zumthor, a oralidade varia de acordo com épocas, regiões, classes sociais e indivíduos.

Em sociedades de tradição oral, o processo de transmissão cultural se dá por meio da observação dos jovens aos costumes transmitidos pelos mais velhos. Especificamente, verifica-se uma sequência contínua de transferência de cultura dependente da língua e da memória do povo. A esse respeito, Salvaro e Nötzold afirmam que a oralidade se dá na língua materna da comunidade e sustenta todos os aspectos culturais de identidade étnica. Desse modo, entende-se que

a língua materna de uma comunidade é um dos componentes mais importantes de sua cultura constituindo o código com que se organiza e mantém integrado todo o conhecimento acumulado ao longo das gerações.¹

Ong, retomando o trabalho de Malinowski, pesquisador que estudou sociedades tribais, ao examinar a linguagem dos “primitivos”, constatou que é muito mais um modo de ação do que uma manifestação do pensamento. Para ele, nas culturas orais as palavras têm um grande poder sobre as coisas, um poder relacionado à magia, palavras associadas, muitas vezes, ao azar ou à sorte.

Neste trabalho, não pretendo discutir as filigranas de questões relacionadas à oralidade, mas seguir a ideia de que a

cultura de um povo está intimamente associada aos usos orais que caracterizam seus costumes, suas crenças e sua sabedoria popular. A fim de apresentar essas ideias, proponho o exame de textos poéticos cantados de uma comunidade indígena brasileira, localizada no sudeste do estado do Pará. A oralidade é a principal característica da transmissão desses cantos entre as gerações falantes da língua indígena, que somente conheceu a escrita muito recentemente, há cerca de quatro décadas, quando sua língua foi objeto de estudo da dissertação de mestrado de Araújo (1977) e esta linguista propôs uma ortografia para a língua posteriormente (1993). Outros estudos sobre o parkatêjê são os de Ferreira (2003; 2005; 2010) e Ferreira e Neves (2011).

Na próxima seção deste artigo apresentarei algumas considerações sobre a situação sociolinguística do povo Parkatêjê.

A situação dos Parkatêjê

A língua parkatêjê é falada por uma comunidade indígena que se denomina da mesma forma e que está localizada no sudeste do estado do Pará, no município de Bom Jesus do Tocantins. A língua é considerada parte do Complexo Dialectal Timbira, de acordo com Rodrigues (1999); membro da família Jê, do agrupamento Macro-Jê. Suas características tipológicas são bastante semelhantes às de outras línguas de mesma afiliação genética, entre as quais se destacam

aquelas de cunho (i) fonético-fonológico em que as vogais centrais são numerosas; (ii) morfológico – a flexão que indica contiguidade ou não de um determinante a um determinado; (iii) sintático – a ordem constituinte SOV em orações declarativas; um sistema de marcação de caso cindido condicionado por categorias de tempo, aspecto e modo, dentre outros.

A comunidade indígena Parkatêjê era constituída por remanescentes de povos timbira que viveram na região do sudeste do estado do Pará. Até o ano de 2000, eles partilhavam a mesma aldeia. Todavia, o povo composto que habitava a Terra Indígena Mãe Maria se dividiu, permanecendo ali somente aqueles que se denominam Parkatêjê. A 5 km de distância está localizada a “aldeia do 25” – como eles próprios costumam falar. Ali estão aqueles que atualmente assumiram a denominação *Kyjkatêjê*.

Embora esses povos façam questão de se apresentar como distintos inclusive, e principalmente, da perspectiva linguística, posso afirmar que as línguas apresentam muita semelhança estrutural, podendo ser consideradas, à primeira vista, dialetos de uma mesma língua. Todavia, é necessário realizar a descrição linguística do *Kyjkatêjê* a fim de observar o quão semelhante é uma língua da outra de fato.

Como resultado de uma situação de contato linguístico intensivo devida a inúmeros fatores de ordem política e social, a língua parkatêjê encontra-se em perigo de extinção, uma vez que

atualmente é falada apenas por um pequeno segmento de sua comunidade (os mais velhos), não sendo aprendida mais como primeira língua das crianças, que somente falam o português. Diante dessa realidade, observa-se que a transmissão de histórias, de casos, de cantos tem se tornado um evento que somente ocorre entre falantes da primeira geração, os quais partilham o conhecimento da língua indígena, muito embora os não falantes também escutem as narrativas e as cantigas.

O acervo de narrativas orais do povo Parkatêjê de que disponho está constituído por (i) textos míticos tradicionais que abordam questões centrais à cultura desse povo, como um tipo de cosmogonia, tais como a criação do mundo; (ii) fábulas; (iii) relatos do cotidiano; (iv) relatos autobiográficos e (v) canções tradicionais. Este trabalho aborda especificamente as canções tradicionais de temática sobre caça.

O critério utilizado para distinguir tais textos, obviamente, levou em consideração a forma e o conteúdo dos mesmos. Um texto poético, por exemplo, apresenta processos simbólicos como a metáfora e o desenvolvimento de estilos distintos da narrativa em si.

É necessário dizer que, embora a língua esteja vivendo um momento delicado considerando-se a situação de atrito linguístico, a comunidade tem se mostrado preocupada com a preservação de sua cultura e de sua língua. Desse modo, há um esforço deles no sentido de

registrar o máximo possível a língua em suas situações de uso.

Com o propósito de auxiliá-los, vem sendo desenvolvido um projeto acerca da documentação de narrativas orais tradicionais desde 2008, o qual é financiado pelo Ambassador's Fund for Cultural Preservation, da Embaixada dos Estados Unidos. O diferencial desse projeto é o fato de todas as histórias serem gravadas em áudio e vídeo como uma tentativa de documentar os aspectos globais envolvidos na narração de histórias tradicionais. Esse material, após coletado, é transcrito em língua indígena e em língua portuguesa. Posteriormente, os vídeos serão editados e deverão retornar à comunidade para serem utilizados como apoio pedagógico na escola indígena, como material para didático ao ensino da língua indígena.

Na próxima seção, apresentarei alguns textos cantados da língua parkatêjê.

Os cantos

Para a realização deste trabalho foram utilizados os cantos de caçador que constituem a coletânea intitulada *Cantos de caçador*, publicada em 2005 pelo Instituto de Artes do Pará (IAP), cujas transcrições foram feitas pelas professoras Marília Ferreira e Leopoldina Araújo. Essa coletânea é uma reunião de cantos tradicionais da comunidade indígena Parkatêjê, os quais têm como temática a caça.

Os textos poéticos cantados da língua são transmitidos por via oral, atravessando o tempo de geração a geração.

Em conformidade com o que afirma Barroso (1949):

Contam velhos escritores que o ensino das crianças, na Grécia Antiga, começava pela poesia, por ser o meio mais fácil de guardar de memória, nessa época em que o livro era raro, a narração dos acontecimentos e o perfil dos homens nele envolvidos. Assim, pôde o povo grego conservar, carinhosamente, de cor, os admiráveis cantos dos rapsodos.

Entre os parkatêjê os cantos tradicionais têm lugar de destaque na vida em comunidade. Muito embora eles estejam enfrentando questões relacionadas à perda linguística, o espaço sociocultural da oralidade em relação aos cantos tem se mantido. Graças também à direção consciente e adequada do chefe tradicional Krôhokrenhum, que também é cantor nas festas rituais tradicionais.

Quando trabalhei com a transcrição dos textos poéticos, entrei em contato com um tipo especial de texto, em que o povo imprime seus sentimentos expressando-os em língua própria. Encontrei palavras antigas, cristalizadas no contexto das cantigas, ainda reconhecidas pelos falantes antigos, mas já em desuso. A linguagem desses textos é artisticamente elaborada, com recursos estilísticos próprios, o que claramente tem implicações nos usos sintáticos regulares observados em textos narrativos.

No dizer de Araújo, em prefácio do livro *Cantos de caçador*, publicado pelo Instituto de Artes do Pará em 2005:

Os povos indígenas, de um modo geral, cantam a vida. Como diz o chefe Krôhokrenhum: “Antigamente parkatêjê gostava de cantar. Tem cada tipo de cantiga, da aldeia

e do mato.” As cantigas parkatêjê fazem sempre um comentário – lírico, satírico ou puramente descritivo – sobre o ambiente em que vivem: pessoas, animais, paisagem, acontecimentos e são entoadas no cotidiano, ou durante festas e brincadeiras coletivas. Mesmo em momentos trágicos, como o da morte acontecida ou temida, o parkatêjê canta.

Sempre existiu a figura do cantador, um especialista, embora todos de um modo geral conheçam os textos, identificando, por vezes, quem o cantava antigamente. A par desse tipo de canto, ensinado de geração a geração, existe o improviso, cuja estrutura parece ser a mesma das cantigas transmitidas: uma introdução, constituída de um ou dois versos, repetidos, que define o tema; um ipirã, geralmente constituído por três ou quatro versos, que constituem comentário, ou expansão, do tema; uma conclusão, que repete a introdução.

Observei que os textos poéticos cantados analisados não apresentam rima na forma conhecida por nós. O ritmo e a melodia são criados pela repetição de palavras ou de versos inteiros. É evidente que considerar a existência de versos trata-se de uma influência da escrita. A partir dela, pode-se dizer que a organização estrutural de um texto poético cantado é de três ou quatro versos, os quais constituem uma ou duas estrofes, à semelhança do *haikai*, forma poética da cultura japonesa, como pode ser visto abaixo.

Exemplos de textos poéticos cantados tradicionais parkatêjê:

Da anta

Ôhê, ôhê

*Ôhê, ôhê kukrytyre, kukrytyre pari popo kôt ten
Kar tem ikutêp hurytyre jahê, hê, ohê ohê*

Hôhê Hôhê, ôhê, hôhê.

*Kukrytyti re, Kukrytyti re pari popo kôt ten
Kar tem ikupê hurytyre jahê ôhê ôhê.*

Eu atrás dela, anta bate com o pé
Nem me esperou, foi embora.

Eu atrás dela, anta bate com o pé
Nem me esperou, foi embora.

Do gato maracajá

Waipê nã ropo prupru nã krowa ajêt

Anô krê mã hôtu ho

Wara pỳ my mã hôtu ho

Cuidado Maracajá, pendurado na tora, arranhando o pau.

Maracajá subiu e está na ponta do galho bem baixo

deixou a marca das garras na tora

Exemplo de haikai

Madrugada

No quintal, a lua

E o lírio branco.

(Haikai, retirado do endereço eletrônico: www.unicamp.br/unicamp)

Os textos poéticos tradicionais cantados da língua parkatêjê apresentam uma organização sintática em que se tem uma constatação sobre um ser, ou um objeto, ou uma entidade relacionada ao tema em destaque e um comentário sobre o que se constatou. Esse comentário, na versão cantada do texto, funciona como uma espécie de refrão ou *aipirã*, tendo em vista principalmente o jogo entonacional da cantiga e a repetição das formas, que pode se dar de diferentes maneiras, como, por exemplo, a silabada, em que se têm as sílabas escandidas.

A linguagem figurada é outro aspecto recorrente e muito instigante nesse tipo de texto. Um dos textos que incluímos na coletânea é o que transcrevo abaixo:

*He porê! Pori porí ry hy hito ipê pryre tai
katykre na ryhy mpo ta já!
Ry ito katy! Ry Ito katy kwyr já pê kitare
ate me kati ri
Kormã kitare mã to kapôk tuware mpo to
i tajyr tajyr
Ry Ito katykre wa kakrô apte airom
**Ita kapôpôre to mō mã ma kôt ma pry
kapô nōre to mō***

*Ei desculpa! Desculpa que eu tenho razão.
Eu tô velho, não sou mais nada.
Antigamente, quando eu era novo, eu não
era desse jeito não.
**Agora vocês vão... e eu venho atrás de
vocês varrendo o caminho.***

O reconhecimento da velhice é apresentado diretamente nesse texto. Todavia, ao mencionar que os novos, a quem o interlocutor se dirige, vão, seguem seu caminho e que ele vem atrás *varrendo o caminho*, observa-se o emprego

da linguagem figurada, em que se tem uma metáfora conceitual, de acordo com Sardinha (2007). Para ele, as metáforas conceituais são culturais, refletindo a ideologia e o modo de conceber o mundo de um grupo de pessoas de determinada cultura. Esse tipo de metáfora tem também uma vinculação com o corpo humano, em maior ou menor grau. Dessa forma, ao empregar a expressão “varrendo o caminho”, o enunciador deseja atestar que seus pés, seu andar, não têm mais o mesmo vigor da juventude; ao contrário, agora é um andar lento, em que os pés, já sem força física, assemelham-se ao movimento da vassoura.

Quando cantados, esses textos poéticos são dirigidos pelo cantor, que, com o auxílio de um maracá, “um instrumento simples”, como pontua Ong, marca o acompanhamento rítmico das palavras e das repetições empregadas.

Conforme Ong (1998):

A aprendizagem nas culturas de oralidade primária não ocorre, pois, pelo disciplinamento imposto pelo hábito de “estudar”, mas predominantemente pela imitação: eles aprendem pela prática – caçando com caçadores experientes, por exemplo, pelo tirocínio, que constitui um tipo de aprendizado; aprendem ouvindo, repetindo o que ouvem, dominando profundamente provérbios e modos de combiná-los e recombina-los, assimilando outros materiais formulares, participando de um tipo de retrospectiva coletiva – não pelo estudo no sentido restrito. Nessas culturas, pois, a repetição e o recurso à memória constituem a base dos processos de transmissão do conhecimento. Em tais culturas, o aprendizado se dá, em grande medida, somaticamente: todo o corpo, mediante movimentos rítmicos, é utilizado nos processos de memorização. Os

cantadores/narradores populares, muitas vezes, se utilizam de um instrumento simples, como o tambor, para reforçar o ritmo da narrativa,

De fato, esses textos eram até bem recentemente conhecidos de *cor* por todos os membros da comunidade, quando a língua ocupava muitos de seus espaços sociais. No entanto, com o enfraquecimento do uso da língua tradicional houve, conseqüentemente, o enfraquecimento de muitos costumes, dentre os quais o conhecimento dos cantos.

Nesse ponto, vale uma reflexão sobre o que afirmam muitos estudos realizados no campo da oralidade e letramento, segundo os quais, com a introdução da escrita nas culturas de oralidade primária, ocorreram transformações profundas em todas as dimensões da vida social e cultural.

No caso particular dos parkatêjê, as gerações mais jovens, que já não mais falam a língua nativa, poderiam ter perdido completamente a possibilidade de aprender os textos poéticos de sua cultura primeira. Todavia, por intermédio da escrita tem havido na aldeia um grande movimento em favor da preservação da cultura e da língua. Um grupo ainda pequeno de jovens decidiu não permitir que seus valores culturais caíssem para sempre no ostracismo e no esquecimento. Eles vêm se reunindo há mais de um ano com os velhos e, com o auxílio da escrita, escrevem as cantigas em um quadro branco e partem para a memorização do texto e da cantiga. Seu

professor mais entusiasmado é o chefe tradicional, para quem o encontro da oralidade e da escrita não poderia ser mais profícuo, uma vez que admite que a escrita oferece a possibilidade concreta de sua língua poder ser lembrada e cantada.

O movimento de preservação e revitalização de língua e de cultura foi iniciado pelos próprios indígenas, e nesse caso específico a escrita teve um papel fundamental na manutenção daquele conhecimento que anteriormente era repassado por meio da oralidade.

A utilização da escrita exigiu menos o uso da memória, característica marcante das culturas orais, transformou aquilo que era apenas auditivo em visual-auditivo pela relação entre oral-escrito e, dessa forma, “tornou a linguagem um artefato, uma coisa, um objeto de estudo”, no dizer de Ong (1998). O autor assevera ainda que,

assim como as sociedades orais possuem formas específicas de transmissão do conhecimento, com a introdução de sistemas de escrita, novas formas de transmissão, aprendizagem e memorização da cultura foram também introduzidas.

Essas novas formas de transmissão, aprendizagem e memorização da cultura explicam com muita propriedade o que está ocorrendo na comunidade indígena Parkatêjê.

Conclusão

O presente trabalho discute questões sobre cultura, oralidade e escrita mediante a análise de cantos tradicionais e da situação sociocultural dos parkatêjê, povo indígena que habita o sudeste do estado do Pará, no Brasil.

Observa-se que, entre os parkatêjê, os textos poéticos cantados (ou cantos tradicionais) apresentam uma linguagem artisticamente elaborada, com recursos estilísticos próprios, o que claramente tem implicações nos usos sintáticos regulares observados em textos narrativos, havendo usos também de linguagem figurada como as metáforas, por exemplo.

Embora a cultura tradicional seja de base oral, a escrita, recentemente adquirida, tem servido como estratégia para a manutenção, preservação e revitalização do aspecto cultural relacionado ao ensino e à aprendizagem de cantos tradicionais dos textos poéticos da língua. Graças ao esforço de uma parcela pequena, mas aguerrida, da comunidade, esses textos poéticos vêm sendo aprendidos pelos indígenas das gerações mais jovens, os quais já não falam a língua nativa, mas anseiam aprendê-la e manter a geração de seus antepassados.

Culture and orality: a travel to poethic song texts of Parkatêjê language

Abstract

This paper analyses cultural aspects related to orality by examining song poethic texts by Parkatêjê language. First, I present brief notes about orality based in Weitzel (1995), Ong (1998), Havelock (1995), Cook-Gumperz & Gumperz (1981), among others. Following I present the socio-cultural situation of Parkatêjê, people which live in the southeast of Pará state, selecting some aspects of their song poethic texts. The methodology and theoretical frame used were from descriptive and functional linguistics.

Key words: Parkatêjê. Culture. Orality. Traditional songs.

Nota

- ¹ Educação Indígena – Reunião do Consed. Recife – Pernambuco, Ministério da Educação e do Desporto, 1997.

Referências

- ARAÚJO, Leopoldina M. S. *Estruturas subjacentes de alguns tipos de frases declarativas afirmativas do Gavião-Jê*. Dissertação (Mestrado) - UFSC, Florianópolis, 1977.
- _____. *Aspectos da língua gavião-jê*. Tese (Doutorado) - UFRJ, Rio de Janeiro, 1989.
- _____. Fonologia e grafia da língua da comunidade indígena Parkatêjê. In: SEKI, Lucy (Org.). *Linguística indígena e educação na América Latina*, 1993.
- _____. Reduplicação e ênfase no parkatêjê: um estudo de textos poéticos. In: *Topicalizando Macro-jê*. Recife: Nectar, 2008.

- BARROSO, G. *Ao som da viola*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.
- COOK-GUMPERZ, J.; GUMPERZ, J. From oral to written culture: the transition to literacy. In: WHITEMAN, M. F. (Ed.). *Variation in writing: functional and linguistic-cultural differences*. Hillsdale: Erlbaum, 1981. p. 89-109.
- FERREIRA, Marília. *Estudo morfossintático da língua parkatêjê*. Tese (Doutorado) - Unicamp, Campinas, 2003.
- _____. Descrição de aspectos da variante étnica falada pelos parkatêjê. *Delta*, São Paulo: PUC, 2005.
- _____. Contato entre línguas, perda linguística e identidade étnica: notas sobre o povo Parkatêjê. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 40, p. 239-247, 2010.
- FERREIRA, Marília; NEVES, Cinthia. Me kãm pa apreente: alternância de código em parkatêjê. *Papia*, Brasília, v. 21, p. 113-122, 2011.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Oralidade e escrita: uma revisão. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 128, p. 403-432, maio/ago. 2006.
- Disponível em: www.scielo.br/pdf/cp/v36n128/v36n128a07.pdf. Acesso em: 12 abr. 2011.
- HAVELOCK, E. A Equação oralidade-cultura: uma fórmula para a mente moderna. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. (Org.). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995. p. 17-34.
- INSTITUTO DE ARTES DO PARÁ. *Cantos de caçador parkatêjê*. Belém: IAP, 2005.
- LORD, A. B. *The single of tales*. Cambridge: Harvard University Press, 1960.
- ONG, W. J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologia da palavra*. Campinas: Papirus, 1998. (Original inglês: 1982).
- RODRIGUES, A. Macro-Jê. In: DIXON, Robert M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Ed.). *Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- SALVARO, Talita; NÖTZOLD, A. L. Vulfe. *Da oralidade à escrita: a cultura kaingáng através do registro da memória*. Associação Brasileira de História Oral. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Talita%20Salvaro;%20Ana%20Lucia%20Notzold.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2011.
- SARDINHA T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola. 2007.
- WEITZEL, Antônio Henrique. *Folclore literário e linguístico*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 1995.
- ZUMTHOR, P. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.